

Cultura, doença e bloqueio amoroso

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Cultura, doença e bloqueio amoroso. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 120-122. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Cultura, doença e bloqueio amoroso

...deparei com a certeza de que cultura é algo vivo e por isso mesmo em constante renovação e transformação, mas também sujeito a enfermidades...

Ernst Widmer (1979)

Chamo meu filho prum canto e pergunto: o que é que você acha que é a maior doença da cultura hoje?

Ele me responde que isso vai cair naquela análise de que tudo está ficando homogeneizado, e as pessoas são incentivadas a gostar de coisas 'low'.

Mas quem é que vai decidir qual o nível adequado entre 'low' e sofisticado? – pergunto a ele.

E acrescento: Pra mim, que sou compositor contemporâneo, e tenho que responder no juízo final a gente como Webern e Ligeti, (ou mandá-los pra China), quase tudo que as pessoas ouvem e gostam seria considerado 'low'. Mas isso seria também uma forma de preconceito. Que fazer?

Ecoa no ouvido o dito de Mário de Andrade: nada pior que um preconceito, nada melhor que um preconceito; depende da eficácia do preconceito. Fecha parêntesis.

O bom seria que todo mundo gostasse de tudo, diz ele.

Todo mundo gostasse de tudo? Seria possível?

Aí já seria demais, né? Pelo menos que as pessoas pudessem vir a gostar de outras coisas.

Então, a pior doença da cultura é o bloqueio amoroso que prevalece hoje? As pessoas são impedidas de amar outras coisas – e nesse processo acabam congelando suas identidades junto aos objetos de amor do consumo consumido?

Essa doença do bloqueio amoroso melhora quando o coletivo “população” atinge melhores níveis educacionais?

A resposta imediata é sim, melhora. Mas existem mesmo indicadores confiáveis de melhores níveis educacionais? Quantas vezes tenho encontrado gente pobre de periferia, com pouca instrução e sendo muito mais gente, e nesse sentido, muito melhor educada do que os seres universitários? Existe índice para medir essa gentitude de nossa gente humilde?

Além disso, há uma relação entre o sistemão geral que vende coisas, e essa doença que a gente tá falando. Mesmo em lugares de alto índice educacional, se os mecanismos de venda de cultura estão implementados, então o bloqueio amoroso deve estar em vigor...

A China deve estar sendo um excelente laboratório para essa questão. Por isso que mandei Webern e Ligeti pra lá. Como é que uma ex-redoma anti-capitalista reage ao destampamento?

Não precisa ir tão longe. A Bahia também, que ficou várias décadas sob a ótica de um mesmo grupo político, agora vive a insegurança criativa de um destampamento.

Mas há por aí uma espécie de sinuca de bico. Se os mecanismos do bloqueio estão ligados aos mecanismos de venda (capitalista), então a teoria e a prática revolucionária do desbloqueio será e serão necessariamente anti-capitalistas?

Para vencer o bloqueio amoroso será necessário derrubar o sistema, ou é possível buscar mecanismos que estão aí?

O capitalismo pode ser a solução para o capitalismo? Existe o trans-capitalismo?

Ou serão essas questões irrelevantes porque a essência mesmo é o experimento, a tentativa, o processo?

Você está falando em aumentar as possibilidades das pessoas gostarem de outras coisas, em flexibilidade na formação de identidades, na racionalidade distributiva dos dinheiros associados à cultura, com poucos tubarões e muitas piabas, é isso?

E, além disso, estou falando em qualidade cultural. Qualidade do processo e dos resultados... Com visão ética e sentido de utopia...

Pôrra, meu!